

ECONOMIA & TRABALHO

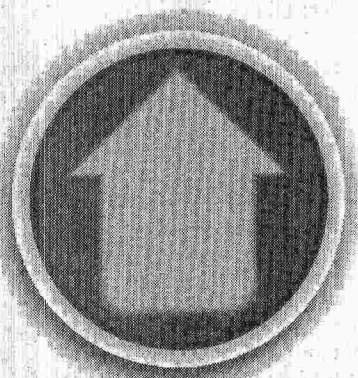
14

Brasília, terça-feira,
31 de março de 1998

CORREIO BRAZILIENSE

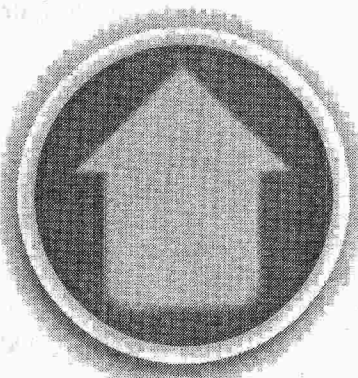
EDITOR: José Negreiros SUBEDITORES: Nelson Oliveira e Verene Wolke Telefone: (061) 342-1190/342-1191. Fax: (061) 342-1155. E-mail: economia@cdata.com.br

QUEDA NAS VENDAS DE ELETRODOMÉSTICOS E DE VEÍCULOS DESESTIMULA PREVISÕES OTIMISTAS



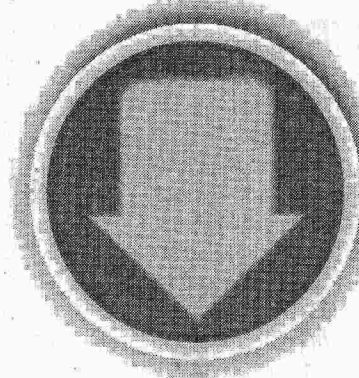
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS

As vendas de máquinas e equipamentos cresceram 10% em março deste ano em relação a igual período do ano passado. A previsão da Associação Brasileira das Indústrias de Máquinas (Abimaq) é que o setor cresça entre 5% e 8% este ano em comparação com 1997.



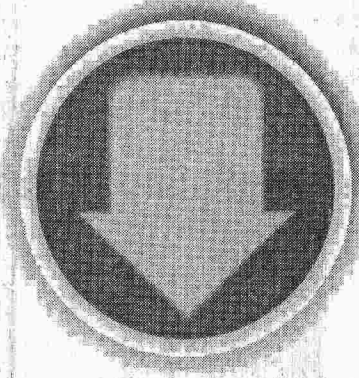
PAPELÃO PARA EMBALAGENS

As vendas de caixas de papelão ondulado, utilizadas para embalagens, no primeiro trimestre deste ano foram 3% maiores do que as de igual período de 1997. A Associação Brasileira do Papelão Ondulado prevê uma expansão entre 4% e 6% em relação ao ano passado.



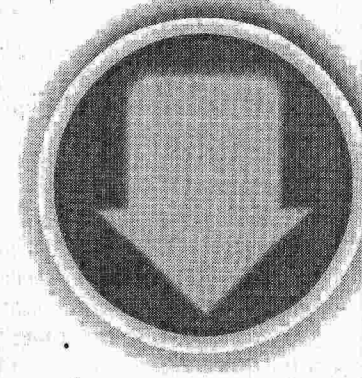
ESTOQUE DE AUTOMÓVEIS

A indústria automobilística registrou uma queda de 26,26% na produção de veículos em fevereiro em relação ao mesmo mês de 1997. De acordo com a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve), os pátios das lojas estão abarrotados de carros com estoques de cem mil unidades.



ELETRODOMÉSTICOS

As vendas de eletroeletrônicos em fevereiro caíram 23,66% em relação ao mesmo mês do ano passado. Conforme dados da Eletros, que reúne as indústrias do setor, a maior queda, de 74,28%, foi verificada no segmento de imagem e som (televisores e aparelhos de som).



CALOTE COM CHEQUES

O número de cheques sem fundos em março bateu o recorde histórico com 10,8 cheques devolvidos para cada mil compensados. Conforme a Centralização de Serviços Bancários (Serasa), o recorde anterior foi registrado em janeiro, com 9,7 cheques sem fundos para cada mil.



DESEMPENHO DO PIB

Bancos como o Citibank e o Santander não alteraram as projeções de crescimento da economia brasileira para este ano. De acordo com o Citibank, o Produto Interno Bruto (PIB) terá uma retração de 2,21% no primeiro trimestre, mas fechará o ano com crescimento ínfimo de 0,90%. As estimativas do Santander são mais otimistas: o PIB vai crescer de 2% em 1998.

ECONOMIA EM BANHO-MARIA

Flávio Ilha e
Ricardo Leopoldo
Da equipe do Correio

O bom desempenho de alguns setores da economia brasileira em março não mudou as projeções feitas pelos técnicos do governo. A estimativa de crescimento para este ano permanece entre 1,5% e 2%. "Não estamos vendo nenhuma tendência de reação generalizada na indústria", revelou o secretário-adjunto de Política Econômica, Rogério Mori. Além do setor de papel e papelão, o de máquinas e implementos para a indústria (bens de capital) e o de construção civil apresentaram indicadores positivos em março e no primeiro trimestre do ano, conforme dados que serão divulgados hoje pelo Boletim de Análise Macroeconômica elaborado pelos técnicos do governo.

Segundo Mori, os números vão mostrar uma recuperação gradual em alguns setores estratégicos que podem alavancar um desempenho melhor de outros segmentos a partir de abril. O secretário-adjunto disse que não haverá queda na atividade econômica como estimavam alguns analistas logo depois da eclosão da crise asiática, em outubro do ano passado. "O que está havendo é apenas uma adequação da indústria ao consumo", explicou.

Alguns indicadores reforçam a cautela do secretário-adjunto de Política Econômica. O setor de bens de consumo duráveis, por exemplo, deve registrar nos três primeiros meses do ano vendas 15% menores do que no mesmo período de 1997. Apenas no setor de automóveis, a queda deve ficar entre 20% e 25%. Para Mori, uma efetiva recuperação da atividade econômica só se dará a partir da queda das taxas de juros.

EXPORTAÇÕES

O comércio exterior também mostra que a atividade econômica apresenta uma recuperação lenta. A média das exportações diárias nas três primeiras semanas de março caiu 7,8% em relação a fevereiro, ficando

em US\$ 190,3 milhões. Em fevereiro, a média havia subido 10,7% em relação a janeiro de 1998. As importações permaneceram praticamente estagnadas no primeiro trimestre, na faixa dos US\$ 219 milhões diários em média desde janeiro. O déficit da balança comercial brasileira já chega a US\$ 1,37 bilhão este ano. Em 1997, foi de cerca de US\$ 8,5 bilhões.

Mesmo assim, o governo mantém uma avaliação otimista. Nem mesmo o alto índice de inadimplência preocupa. O índice de cheques sem fundo emitidos em março chegou a 10,8 por cada mil, o mais alto dos três primeiros meses do ano. Segundo levantamento Centralização de Serviços Bancários (Serasa), foram devolvidos em média 117.815 cheques no mês de março, ante 70.989 no mesmo mês de 1997. "Esse é um comportamento natural nessa época", atestou Mori.

CALOTES

Para ele, o aumento na inadimplência e da emissão de cheques sem fundos não deve afetar as encomendas da indústria porque o nível de demanda do setor está mais baixo do que o normal. Mori disse que esses indicadores mostram reflexos da alta do desemprego no país e deverão aumentar as restrições à concessão do crédito daqui para a frente.

Entre os setores de desempenho positivo está o de embalagens, apontado por muitos como termômetro da produção industrial. O presidente da Associação Brasileira de Papelão Ondulado, Paulo Peres, disse que as vendas do produto — utilizado em caixas, especialmente de alimentos e material de limpeza — no primeiro trimestre deste ano serão 3% superiores às apuradas no mesmo período de 1997. "Essa alta se explica basicamente pelo aumento de produtos sazonais de verão, como sorvetes e água mineral", avaliou.

Para o empresário, o cenário pós-crise asiática está mais estável do que as previsões iniciais. Segundo ele, o crescimento do setor poderá variar de 4% a 6% em 1998.

O setor de máquinas também de-

verá crescer em 1998, entre 5% e 8%. A explicação é que as empresas estão comprando mais equipamentos porque precisam aumentar a produtividade devido à competitividade. Por isso, o setor crescerá entre 5% e 10% somente em março. "O faturamento das companhias deverá subir de US\$ 16 bilhões em 1997 para US\$ 18 bilhões neste ano", afirmou o presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Sérgio Magalhães.

EXPANSÃO

Mas o crescimento dos segmentos de papelão ondulado e de máquinas não é suficiente para potencializar o crescimento do país. Para o economista-chefe do Citibank, Carlos Kawall, as vendas de carros e eletrodomésticos — responsáveis por 20% da produção industrial nacional — vêm caindo drasticamente. Entre as principais causas desse queda, segundo ele, estão a pequena expansão da economia brasileira e os juros cobrados no crédito direto ao consumidor. Kawall acredita, no entanto, que o País está numa situação bem mais estável do que no final de outubro, quando começou a crise da Ásia.

"O nível de atividade do primeiro semestre deste ano fechará 2% menor que o registrado nos mesmos seis meses de 1997", previu Kawall. Para ele, somente a partir do terceiro trimestre do ano (julho a setembro) é que se começará a sentir a recuperação da atividade econômica, especialmente devido às privatizações.

O diretor de pesquisas do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea), Claudio Considera, acha que não será fácil a economia crescer os mesmos 3% de 1997. "Mesmo que os juros caiam para 20% ao ano em julho, o aumento do Produto Interno Bruto (PIB) em 1998 não passará de 2%", estimou. Também o economista-chefe do departamento econômico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Sílvia Salles, disse que a atividade industrial deve se expandir entre 1% e 2% este ano. Em 1997, o crescimento da indústria foi de 3,9%.

M. Claretto/AE



Kawall: somente a partir do terceiro trimestre do ano é que se começará a sentir a recuperação da economia